

A SEMANA – 85

John Gledson

Em completo contraste com a crônica anterior, esta é uma bonita evocação do amanhecer no Cosme Velho, como se fosse uma sinfonia em que vários “instrumentos”, a cigarra, o galo, os passarinhos, o trezinho do Corcovado (inaugurado em 1884), o vendedor de bilhetes de loteria, entram um após o outro, e as associações literárias e outras ocorrem ao cronista mais ou menos ao acaso – La Fontaine, Virgílio, Max Nordau, Ovídio, Bocage. Apesar do tom “alegre” de alguns momentos (“Bom dia, belo sol!”), há uma corrente mais sombria, insistente como a cigarra: a referência à Companhia Geral, ao obituário da febre amarela, à própria morte futura do cronista; e alguma nostalgia de um passado mais ingênuo, inclusive a curiosa referência ao irmão de Evaristo da Veiga, que talvez remonte além da vida do próprio Machado. Ao que parece, a árvore de Natal já substituía tradições nativas entre a elite; a moda viera da Inglaterra, onde fora popularizada pelo príncipe Alberto, de origem alemã, consorte da rainha Vitória.

Esta crônica consta de *A Semana*, de Mário de Alencar, p. 108-112.



A SEMANA

7 de janeiro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Quem será esta cigarra que me acorda todos os dias neste verão do diabo, – quero dizer, de todos os diabos, que eu nunca vi outro que me matasse tanto.¹ Um amigo meu conta-me coisas terríveis do verão de Cuiabá, onde, a certa hora do dia, chega a parar a administração pública. Tudo vai para as redes. Aqui não há rede, não há descanso, não há nada. Este tempo serve, quando muito, para reanimar conversações moribundas, ou para dar que dizer a pessoas que se conhecem pouco e são obrigadas a vinte ou trinta minutos de bonde. Começa-se por uma exclamação e um gesto, depois uma ou duas anedotas, quatro reminiscências, e a declaração inevitável de que a pessoa passa bem de saúde, a despeito da temperatura.

– Custa-me a suportar o calor, mas de saúde passo maravilhosamente bem.

Não sei se é isso que me diz todas as manhãs a tal cigarra. Seja o que for, é sempre a mesma coisa, e é notícia d'alma, porque é dita com um grau de sonoridade e tenacidade que excede os maiores exemplos de gargantas musicais, serviçais e rijas. A minha memória, que nunca perde essas ocasiões, recita logo a fábula de La Fontaine² e reproduz a famosa gravura de Gustavo Doré, a bela moça da rabeça,³ que o inverno veio achar com a rabeça na mão, repelida por uma mulher trabalhadeira, como faz a formiga à outra. E o quadro e os versos misturam-se, prendem-se de tal maneira, que acabo recitando as figuras e contemplando os versos.

Nisto entra um galo. O galo é um maometano vadio,⁴ relógio certo, cantor medíocre, ruim vianda. Entra o galo e faz com a cigarra um concerto de vozes, que me acorda inteiramente. Sacudo a preguiça, colijo os trechos de sonho que me ficaram, se

¹ Em carta a Carlos Magalhães de Azeredo de 14 de janeiro, Machado volta a queixar-se do calor: “o verão entrou com todos os fornos acesos. Há muito não temos estação tão cálida. (...) Sabe que padeço muito com o calor.”

² “Lafontaine”, no jornal. Mário de Alencar e Aurélio também corrigem.

³ A fábula de La Fontaine (1621-1695) “La cigale et la fourmi” é a primeira das *Fables*. Gustave Doré (1832-83), talvez o mais famoso ilustrador do século XIX, publicou as suas ilustrações às *Fables* em 1867. A gravura, a bem dizer, é uma interpretação da fábula, pois representa duas mulheres, e não dois insetos (v. ilustração após a crônica).

⁴ Machado se refere ao almuadem ou muezim, que chama os fiéis à oração a horas fixas do dia.

algum tive, e fito o dossel da cama ou as tábuas do teto. Às vezes fito um quintal de Roma, de onde algum velho galo acorda o ilustre Virgílio, e pergunto se não será o mesmo galo que me acorda, e se eu não serei o mesmíssimo Virgílio.⁵ É o período de loucura mansa, que em mim sucede ao sono. Subo então pela via Ápia, dobro a rua do Ouvidor, esbarro com Mecenas, que me convida a cear com Augusto e um remanescente da Companhia Geral.⁶ Segue-se a vez de um passarinho, que me canta no jardim, depois outro, mais outro. Pássaros, galo, cigarra, entoam a sinfonia matutina, até que salto da cama e abro a janela.

Bom dia, belo sol. Já daqui vejo as guias torcidas dos teus magníficos bigodes de ouro. Morro verde e crestado, palmeiras que recortais o céu azul, e tu, locomotiva do Corcovado, que trazeis o sibilo da indústria humana ao concerto da natureza, bom dia! Pregão da indústria, tu, “duzentos contos, Paraná, último de resto!”⁷, recebe também a minha saudação. Que és tu, senão a locomotiva da Fortuna? Tempo houve em que a gente ia dos arrabaldes à casa do João Pedro da Veiga,⁸ rua da Quitanda, comprar o número da esperança. Agora és tu mesmo, número solícito, que vens cá ter aos arrabaldes, como os simples mascates de fazendas e os compradores de garrafas vazias. Progresso quer dizer concorrência e comodidade. Melhor é que eu compre a riqueza a duas pessoas, à porta de minha casa, do que vá comprar à casa de uma só, a dois tostões de distância.

Eis aí começam a deitar fumo as chaminés vizinhas; tratam do café ou do almoço. Na rua passa assobiando um moleque, que faz lembrar aquele chefe do ministério austríaco, a que se referiu quinta-feira, na *Gazeta de Notícias*, Max Nordau.⁹ Ouço também uma cantiga, um choro de criança, um bonde, os prelúdios de alguma

⁵ A referência parece ser geral, não específica. As *Églogas* de Virgílio (70-19 a.C.) são um dos modelos da poesia pastoral e rural.

⁶ No jornal e em Aurélio, “companhia geral”. A falta de maiúsculas nessas palavras deve ser erro dos revisores: a frase só faz sentido se Machado se refere a esse escândalo maior do Encilhamento. Aurélio não corrige o erro, nem Mário de Alencar. Para detalhes acerca da Companhia Geral das Estradas de Ferro, último e maior escândalo do Encilhamento, v. o primeiro volume desta edição, em especial a nota 4 à crônica de 22 de maio de 1892. Mecenas (c. 70-8 a.C.) foi patrono literário (de Virgílio e Horácio, entre outros), cujo nome agora é sinônimo do papel que exerceu; foi amigo do imperador Augusto (63 a.C.-4 d.C.).]

⁷ Os estados, entre os quais se destacava – como acontece ainda hoje – o Paraná, tinham suas próprias loterias, que se anunciavam em letras gordas nos jornais.

⁸ Este João Pedro da Veiga foi irmão de Evaristo da Veiga, e tinha esta livraria, fundada nos anos 1820, na rua da Quitanda, 114. Durou até a década de 1860. No *Jornal do Commercio* de 4 de março de 1828, por exemplo, acham-se três anúncios de loterias, e diz-se que se podem comprar os bilhetes “na loja de livros de João Pedro da Veiga, Rua da Quitanda, canto da de São Pedro”. Para mais detalhes, v. Otávio Tarquínio de Sousa, *Evaristo da Veiga*, cap. II.

⁹ Max Nordau (1849-1923), escritor húngaro, de língua alemã e residente em Paris, autor do famoso livro *Degenerescência* (*Entartung*, 1892), muito popular na época. Os seus comentários sobre a cultura e a política europeias foram publicados com regularidade na *Gazeta*, com o título “Cartas da Alemanha”. Infelizmente, foi impossível explicar esta referência, porque o jornal da mencionada quinta-feira, dia 4 de janeiro, falta nos arquivos.

coisa ao piano, e outra vez e sempre a cigarra cantando todos os seus *erres* sem *efes*, enquanto o sol espalha as barbas louras pelo ar transparente.

Ir-me-á cantar, todo o verão, esta cigarra estrídula? Canta, e que eu te ouça, amiga minha; é sinal de que não terei entrado no obituário do mesmo verão, que já sobe de cinquenta pessoas diárias.¹⁰ Disseram-mo; eu não me dou ao trabalho de contar os mortos. Percebo que morre mais gente, pela frequência dos carros de defuntos que encontro, quando volto para casa e eles voltam do cemitério, com o seu aspecto fúnebre e os seus cocheiros menos fúnebres. Não digo que os cocheiros voltem alegres; posso até admitir, para facilidade da discussão, que tornem tristes; mas há grande diferença entre a tristeza do veículo e a do automedonte. Este traz no rosto uma expressão de dever cumprido e consciência repousada, que inteiramente escapa às frias tábuas de um carro.

De mim peço ao cocheiro que me levar, que já na ida para o cemitério vá francamente satisfeito, com uma pontinha de riso e outra de cigarro ao canto da boca. Pisque o olho às amas secas e frescas, e criaturas análogas que for encontrando na rua; creia que os meus manes não sofrerão no outro mundo; ao contrário, alegrar-se-ão de saber a cara ajustada ao coração, e a indiferença interior não desmentida pelo gesto.¹¹ Imite as suas mulas, que levam com igual passo César e João Fernandes.

Ah! enquanto eu ia escrevendo essas melancolias aborrecidas, o sol foi enchendo tudo; entra-me pela janela, *já tudo é mar; ao mar já faltam praias*, dizia Ovídio por boca de Bocage.¹² Aqui o dilúvio é de claridade; mas uma claridade cantante, porque a cigarra não cessa, continua a cigarrar no arvoredado, fundindo o som no espetáculo. Como há pouco, na cama, miro a cantiga e ouço o clarão. Se todos estes dias não fossem isto mesmo, eu diria que era a comemoração da chegada dos três Reis.

Essa festa popular, não sei se perdurará no interior; aqui morreu há muitos anos. Cantar os Reis era uma dessas usanças locais, como o presepe, que o tempo demoliu e em cujas ruínas brotou a árvore do Natal, produção do norte da Europa, que parece pedir os gelos do inverno. O nosso presepe era mais devoto, mas menos alegre. Durava, em alguns lugares, até o dia de Reis. A cantiga da festa de ontem era a mesma em toda a parte,

Ó de casa nobre gente,
Acordai e ouvireis,¹³

¹⁰ A cada verão, em grau maior ou menor, a febre amarela fazia vítimas. As estatísticas publicavam-se diariamente nos jornais.

¹¹ “Gesto” tem aqui o sentido, hoje pouco usado, de “expressão singular (em alguém ou em seu semblante); aparência, aspecto, fisionomia” (Houaiss).

¹² Do primeiro livro das *Metamorfoses* de Ovídio (42 a.C.-17 d.C.), na tradução de Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), onde descreve um dilúvio, mandado por Júpiter. Ver a edição da tradução: Ovídio e Bocage, *Metamorfoses* (São Paulo: Hedra, 2000), p. 47 (livro I, linha 417).

¹³ Esta cantiga de Reis é tradicional. Numa versão típica, continua: “Lá das bandas do Oriente / São chegados os três reis.”

e o resto, que pode parecer simplório e velho, mas o velho foi moço e o simplório também é sinal de ingênuo.





Desenho de Gustave Doré, gravado por Louis Édouard Fournier, para “A cigarra e a formiga”, de Jean de La Fontaine. Ed. Louis Hachette, 1868.

Disponível em:

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:La_cigale_et_la_fourmi_illustration_dore.jpg>. Acesso em: 12 abr. 2018.